

J. L. ROCHA DO NASCIMENTO

---

ONTOLOGIA  
*do* SER

**Editora Penalux**  
Guaratinguetá, 2024

## Manifesto\*

precisamos libertar nossas ruas  
das marcas violentas  
dos pesados coturnos  
precisamos percorrer as esquinas  
e os bares  
dar aos bêbados noturnos  
mais que poesia  
precisamos ver como vão nossos filhos  
mostrar-lhes que a estranha apatia  
não rima com a necessária sangria  
precisamos comer a idéia de que somos  
um povo menor  
precisamos escrever um poema  
de liberdade  
com o sangue de nossos homens.

\* Publicado na coletânea de poemas  
DESCARTÁVEL no final da década de 70.

## 1. Eu e os vários de mim

Quantos há em mim, não saberei dizer, que somos vários.  
E este que vês com o coração aflito e os olhos esbraseados  
[veja como não tem fundo o pântano de dualidade no qual  
ele se afunda; perceba que o olhar que lança é de quem não  
pertence a lugar algum]  
não sou eu e nem qualquer outro que poderia ter sido e que  
ainda me habita.

Já me pertenceu até o dia em que pulou de dentro de mim  
com o alívio de quem sai de um cativeiro.

Sobre ele, que me deixou um vazio que nenhum dos outros  
consegue preencher, perdi o controle.

## 2. Ainda sem título

Ninguém pode dizer (nem mesmo o Absoluto) que eu não tentei.

Sabe as deusas vingadoras da mitologia grega, as Fúrias?

De tanto insistir, meio que acabei me transformando numa Erínia tardia.

Não pelo desejo de vingança, que meu sentimento é outro.

Falo das memórias longas das cadelas.

Pois é, a minha não tem fim.

Por isso não adianta, não esqueço.

Quando acho que estou conseguindo, quando vejo um sinal de luz e imagino se tratar da superfície, eis que uma força bruta me puxa outra vez pra dentro do poço sem fundo.

É quando tudo começa outra vez.

Eu?

Um condenado a errar eternamente, como na maldição de Sísifo, o senhor das tarefas inúteis.

Fosse eu o Barão de Münchhausen com seu cavalo se afundando no pântano, talvez a sorte de meu destino fosse outra.

Mas não!

Por isso que os dias são assim.  
É uma dor que aperta aqui  
Uma saudade que dói ali  
E um passado que não passa(rá).

### 3. A melhor ilusão

O jovem aguerrido e exultante de outrora não existe mais. Hoje é apenas uma lembrança na parede do quarto que dividia com manchetes de jornais, palavras marteladas numa velha Remington [os erros corrigidos à mão com uma esferográfica vermelha] e capas de discos [no *Transa*, do Caetano, o registro da dor pelas mortes, separadas uma da outra por pouco mais de dois anos, de seus ídolos.]

*Oh John eu não esqueço como eram nossos pais*

E livros, muitos livros.

Boa parte ainda ocupa um lugar na biblioteca.

Apanha um deles com a mão e o folheia.

Capa e lombada com sinais de uso e manuseio; páginas esmaecidas pela ação do tempo; o estado geral de conservação ainda é bom.

Regozija-se ao deparar com pequenas anotações na folha de rosto; na sobrecapa, rascunhos de um escrito qualquer; numa página aleatória, aquela nota de rodapé esquecida.

Devolve-o ao lugar de onde o retirou e, olhar firme, fixa-se no horizonte à frente.

Sim.



Os pés plantados firmes no chão, hoje é um homem de poucas, raras ilusões.

Nada que lembre o otimista anterior ao cético [e aqui se fala de algo profundo, da condição humana mesmo].

Vivendo todo dia um dia a cada dia, reconfigurado pelas adversidades e pelas mudanças de estações, as coisas boas, pequenas e sinceras, ou, para lembrar o conhecido compositor popular, as coisas reais, são elas, do corpo e da alma [e de corpo e alma] o seu melhor alimento.



#### 4. Balada do inatingível cam(r)inho

Estou à procura de um caminho  
para percorrer.

Um caminho que indique o seguro caminho  
preserve minhas referências  
não me traga a sensação de abandono  
e nem a de que deixei o melhor para trás.

Como quem pega com a mão o horizonte distante  
quero aquele caminho ali limpo à minha frente  
azul branco claro verdejante  
que me permita ver além das cortinas de fumaça  
que se formam a cada instante  
além da dor e dessa incômoda (in)certeza do fim.

Um caminho para romper a fronteira da solidão  
do ser existencial que me habita.

Um caminho para deitar  
como as raízes deitam e correm  
sob o leito do rio heraclitiano  
minha cabeça meu corpo cansados de mim.

Um caminho.

Um caminho só e não peço nada mais





#### CONTATO

✉ [jlroscimento@gmail.com](mailto:jlroscimento@gmail.com)

📷 [@joaoluizrochanascimento](https://www.instagram.com/joaoluizrochanascimento)

📘 João Luiz Rocha Nascimento





## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Garamond  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em junho de 2024.

---

